



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 17 DE JUNHO DE 1959

AOS MANIFESTANTES POPULARES QUE IHE  
FORAM LEVAR SOLIDARIEDADE PELAS OR-  
DENS DADAS DE SUSPENDER NEGOCIAÇÕES  
COM O FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL.

Não posso deixar de manifestar a minha satisfação pela prova de solidariedade que recebo de tantos amigos, de estudantes, de homens do povo, que aqui vieram para ouvir algumas palavras relativas ao que se está passando neste momento. Não temo os assuntos, mesmo os mais delicados, porque considero do meu dever esclarecer sempre a Nação sobre suas dificuldades e problemas. Não tenho, também, o gôsto do exagêro, nem a vocação de deformar os fatos, mesmo que exagêro ou distorção traga rendimento político. Entrarei, por isso, diretamente, no motivo que vos trouxe à minha presença, isto é, no desacôrdo entre a posição de negociadores brasileiros e a de técnicos do Fundo Monetário Internacional. Nada tenho a acrescentar à nota distribuída pelo govêrno e que foi lida e comentada na Câmara pelo eminente deputado Horácio Lafer. Por enquanto, não há circunstâncias novas. O fato de atravessarmos dificuldades transitórias, que nos levam a propor operações de crédito, não significa que devamos ceder, em matéria doutrinária, mas de imediatas conseqüências práticas, ao que possa contrariar a prudência ou o conhecimento mais aprofundado das nossas próprias condições. Não vemos como seguir orientações ditadas por motivos de ordem puramente técnica e que muitas vêzes não levam

480

em conta numerosos aspectos de outra natureza. Devo salientar, de passagem, que temos sido sempre bons pagadores, a despeito de nossas condições de país descapitalizado e que precisa desenvolver-se a todo o custo. Convém que se compreenda, de uma vez para sempre, que o desenvolvimento do Brasil não é uma pretensão ambiciosa, um desvario, um delírio expansionista, mas uma necessidade vital. Desenvolver, para nós, é sobreviver. Não nos cabe acusar ninguém, mas é mister que avaliem o nosso esforço e que saibam ser penosa, dura e difícil a nossa marcha. Gravem bem, os que estão em condições de colaborar conosco, que não necessitamos apenas de conselhos — embora os aceitemos com prazer quando convenientes — mas de cooperação efetiva e dinâmica e que essa cooperação é altamente rentável a quem se dispuser a ajudar-nos. Para dar por encerrada, porém, a matéria atinente a divergência de nível técnico com o Fundo Monetário Internacional, quero repetir a frase com que o govêrno encerrou seu comunicado: “não pode o Brasil admitir que uma transação dessa natureza constitua pretexto para discussões intermináveis, pouco compatíveis com o nosso crédito e não condizentes com a linha de cordial cooperação e respeito mútuo que sempre tem presidido a tal gênero de negociações”.

481 Não estamos aqui, porém, todos nós, nem vos fala, neste momento, o presidente da República — que deve enfrentar incontáveis problemas e a quem incumbe o duro dever de velar sôbre os destinos de uma população que se aproxima dos setenta milhões de habitantes — sômente para tratar de opiniões de técnicos que, em conversações preliminares, examinaram a possibilidade de uma modesta e rotineira operação, igual a muitas outras que temos negociado e cujas obrigações foram sempre honradas.

482 O que nos congrega é a oportunidade de reafirmar algumas idéias fundamentais sôbre a verdadeira revo-

lução que se opera no Brasil, nos dias que correm. As opiniões de especialistas a nosso respeito e suas sugestões sobre a maneira por que nos devemos conduzir no campo econômico e financeiro podem ser aceitas ou recusadas, segundo nosso próprio critério. É óbvio, por outro lado, que não nos cabe forçar, de qualquer maneira, a opinião alheia a conceder-nos créditos para o equilíbrio de nosso balanço de pagamentos. Culparmos, outrossim, nações estrangeiras e fazer recair sobre elas as nossas dificuldades, não me parece harmonizar-se com a nossa convicção de que somos os autores de nossos próprios atos. Assiste-nos, contudo, o direito de advertência quando à premência de dar-se uma interpretação correta e larga da posição de nosso país em face do seu próprio problema. Não se trata, no caso do Brasil, de um simples problema de conjuntura, mas do próprio destino de um país que se recusa a continuar indefinidamente qualificado na categoria de território de plantação, de exportador de produtos primários, expostos às variações e aos caprichos dos mercados importadores. Já escolhemos o caminho que fará de nós uma Nação verdadeiramente grande e independente. Já alcançamos um grau de maturidade que nos traz a consciência, nítida e exata, de nossas possibilidades. Necessitamos de amigos e damos à colaboração estrangeira todo o seu valor. Não somos obstinados ou ressentidos, a ponto de desconhecermos que, da ajuda mútua internacional, muito depende a plenitude do desenvolvimento dos povos. Temos, neste continente, o próprio exemplo histórico dos Estados Unidos, beneficiários de investimentos técnicos e financeiros da Europa. Mas essa mesma consciência de que nos é útil a colaboração alienígena nos leva a desejar que ela não seja prestada apenas sob forma de crítica, mas que seja dinâmica e criadora. Não precisamos apenas de que nos mostrem inconvenientes de natureza imediata; entenda-se, porém, que para o Brasil a viagem do desen-

volvimento é a própria rota de nossa salvação e que, para tanto, devem acreditar que somos capazes de governar-nos e de levar adiante uma grande tarefa. Estamos cansados de ouvir observações cépticas sôbre o que não logramos fazer; urge que nos manifestem crença no que somos capazes de realizar. Desejamos continuar a crer que os nossos amigos são realmente amigos. Mas é indispensável também que a amizade se traduza em algo de mais valioso que qualquer bem material, como, por exemplo, a demonstração de que confiam em nós.

483 A marcha do Brasil para o seu desenvolvimento é irreversível. Não estou fazendo uma afirmação grandiloqüente, nem proferindo palavras a êsmo, com a mesquinha intenção de recolher aplausos, ou benefícios da popularidade. Neste momento em que proclamo, mais uma vez, a mobilização da opinião pública para a revolução do desenvolvimento, já foram dados, pelo meu govêrno, passos fundamentais neste sentido. Já assumiu a minha administração responsabilidades de tal forma graves, que delas não recuaremos. O oeste brasileiro já está ocupado. A nova Capital encontra-se enraizada no seu lugar certo, de onde se irradiará a atividade transformadora de regiões até hoje abandonadas em zonas de trabalho e prosperidade.

484 Estão sendo construídas as grandes barragens para o aproveitamento de nossos recursos hidrelétricos: Furnas, com um milhão e cem mil quilowatts; Três Marias, com meio milhão de quilowatts, obra que permitirá regularizar o curso do São Francisco e trará benefícios a uma extensa região. A Petrobrás prossegue em sua atividade patriótica, e nossa produção do precioso combustível líquido, que era de apenas cinco mil barris, deverá atingir cem mil barris até ao fim do ano, e mais no próximo ano, o que nos proporcionará economia da ordem de duzentos milhões de dólares. A grande siderurgia está implantada e os dois milhões de toneladas

de aço da Usiminas, bem como o meio milhão da Cosipa, vêm aumentar consideravelmente a nossa capacidade de produção nesse setor. A indústria automobilística, antes inexistente, passou ao primeiro plano nas atividades nacionais. Inicia-se em bases amplas a construção naval e, no ano vindouro, lançaremos ao mar os primeiros navios saídos dos estaleiros nacionais. A valorização do Nordeste brasileiro já foi objeto de cuidadoso planejamento, agora em vias de execução pelo Codeno. Já estão concluídas, ou em vias de ultimateção, grandes rodovias de penetração, como a Belém-Brasília-Pôrto Alegre, com cinco mil e quinhentos quilômetros; a Fortaleza-Brasília, com mil e oitocentos quilômetros e trechos retos de duzentos quilômetros; a Brasília-Cuiabá, com novecentos quilômetros; a Brasília-Belo Horizonte-Rio de Janeiro, com mil e cem quilômetros. De inegável importância é, também, a ponte internacional do rio Paraná, ligando o Brasil ao Paraguai.

Relativamente aos resultados alcançados, os efeitos da revolução econômica em curso neste país não têm sido tão graves quanto o quereriam os inimigos do Brasil grande, os inimigos do Brasil forte, os inimigos do Brasil independente, inimigos por falta de visão e inimigos por interesses contrariados. 485

Reitero essas afirmações, mas não o faço para pedir-vos um pronunciamento favorável ao desenvolvimento, na desordem. Na desordem, não há desenvolvimento. Se um pedido tenho para fazer-vos, é esse, ao contrário, o de que me ajudeis a ordenar, a disciplinar, a moderar os impulsos, dentro de uma ordem indispensável ao esforço comum. Para atingirmos a meta final, temos que atravessar trechos extremamente difíceis, veredas estreitas com abismos de todos os lados a exigirem um comportamento calmo, contido, sem transbordamentos que diminuam a nossa firmeza e a nossa obstinação. Por isso mesmo, nossa marcha deve ser feita com atenção e cuidado, com espírito prevenido, 486

para evitarmos provocações, com o olhar fito na terra em que pisamos, para não darmos passos que nos possam ser fatais. A marcha para o desenvolvimento só terá o seu rendimento justo e necessário se todos agirem como um só. Aqui, já não mais apelo para a solidariedade política, mas para a união dos homens de boa vontade, do povo brasileiro, ansioso por que o país saia de um período de incertezas e de pobreza. Deixemos a instigação à desordem, as retaliações pessoais, as intrigas, para os que não querem que o Brasil se torne uma nação liberta e sólida. Os que almejam — e este é o sentir da grande maioria do nosso povo — os que almejam encurtar a distância que nos separa das nações plenamente desenvolvidas devem estar dispostos a obedecer às razões que exigem de nós prudência, vigilância e disposição de ânimo para que não sejamos fortes apenas em palavras e nos tornemos efetivamente vigorosos. Se quisermos progredir aceleradamente, se quisermos ser levados a sério — e é indispensável que sejamos levados a sério — fôrça é que nós próprios nos levemos a sério. São os brasileiros os responsáveis pelo Brasil. A nós incumbe dizer até que ponto são suportáveis quaisquer alterações na nossa política cambial agravadoras do custo de vida. Somente ao Brasil cabe decidir se devemos, ou não, continuar melhorando o nível de vida do nosso povo, se devemos transformar essa maioria de sub-consumidores em verdadeiros consumidores, em participantes dêsse conforto elementar sem o qual a própria dignidade humana não encontra razões para resistir.

487

Disse-vos, brasileiros, desde o comêço da campanha que me levou à Presidência da República, que eu não pretendia um cargo, mas uma tarefa, e que essa tarefa era a de contrariar tudo o que pretendesse impedir o crescimento e o enriquecimento do nosso país. Sabia e sei os riscos a que me tenho exposto: riscos exteriores, riscos de interêsses criados dentro do Brasil, riscos de enfrentar as naturezas negativas, dos que preferem

continuarmos indefinidamente adormecidos, pobres, mergulhados em dificuldades, sujeitos a tôda a sorte de surpresas. Bem sabia eu que a disposição de tentar recuperar o tempo perdido para o nosso país, que a experiência do desenvolvimento, seria considerada loucura — não pelo povo, que me acompanha, ampara e defende, mas pelo grupo pequeno e aguerrido dos que têm como programa destruir, ou, no pior dos casos, não deixar construir coisa alguma. Tenho dado mostras de bastante prudência, de espírito conciliador na política externa e na política interna, para poder dizer-vos hoje, aqui, que não cederei e que — considerem ou não imprudente a minha atitude — não recuarei um passo quando se tratar da defesa do Brasil, do seu desejo de se transformar num povo forte, realmente dono dos seus passos. Nenhuma teoria é mais forte do que a convicção íntima que tenho — e que tendes vós — de que nossa segurança está em crescer, em expandir-nos, em elevar o nível de vida de nossos patrícios, tantos dêles torturados pelas tenazes da miséria. Nenhuma prudência me fará praticar a imprudência de desamparar a nossa indústria, de consentir que ela caia em mãos forasteiras, pelos efeitos da falta de financiamento justo e racional, ou que seja destruída pela anemia, pela falta de crédito. Temos já, entre nós, atuando, produzindo, um parque industrial que carece de amparo e estímulo, pois que o fim de nossa indústria seria uma capitulação nacional de efeitos incalculáveis. Não vamos voltar para as tabas, não vamos retornar ao tempo em que consumíamos tudo de fora. Temos mercado interno, matéria-prima e condições favoráveis. Temos elementos humanos, cabeças e braços, para nos industrializarmos em condições de produtividade. Seria um crime que o governo abandonasse essas cabeças e êsses braços e essas condições. Digo-vos, no dia de hoje, que a defesa da indústria legítima e de tôdas as atividades correlatas — excluídas, naturalmente, as parasitárias e especulativas — há de

constituir sempre preocupação dominante de um govêrno que põe no desenvolvimento a tônica de sua atuação. Onde houver *deficit* de trabalho, precisão de energia humana, não haverá desemprego, muito embora economistas e especialistas cheguem a sustentar a teoria desumana de que o desemprego corresponde a uma necessidade de equilíbrio. Há que defender a indústria. Somos um país de crescimento demográfico ativo. Milhão e meio de brasileiros todos os anos se incorporam ao organismo nacional, e devem alimentar-se, vestir-se, estudar, participar, enfim, das possibilidades de uma vida proficua e fecunda. A paralisação do nosso surto industrial, ou a não sustentação das indústrias já existentes, nos levaria a nivelar todo o país numa pobreza uniforme, onde germinariam as seduções do desespêro e da revolta. A isso não nos submeteremos. Há uma hora para conversar, para negociar, para procurar acomodações; mas há também uma hora em que a cautela manda não ceder e dizer não. Não creio que claramente seja alguém adverso ao nosso surto de desenvolvimento, mas espero que os que sonham que estamos brincando de crescer se desiludam, porque cresceremos de qualquer maneira. Não aspiramos a sobressair nem a ser mais fortes ou mais ricos que qualquer outra nação do continente. Comprometemo-nos com um movimento político internacional, a Operação Pan-Americana, a fim de que se torne possível um desenvolvimento harmonioso e global do continente. Somos duzentos milhões de latino-americanos, povos que lutaram tão intensamente pela liberdade, que muitos dêles não tiveram tempo de pugnar pelas suas próprias economias. Com a Operação Pan-Americana, na parte que coube ao Brasil desempenhar, demos realmente prova de solidariedade, para com tôda a América, de que não disputamos posições de liderança, nem reivindicamos privilégios em detrimento dos países irmãos. A Operação Pan-Americana — como já disse repetidas vêzes — não é um apêlo à generosidade, mas à razão. Fizemos numerosas advertências;

nunca, qualquer ameaça. Advertir é ato de colaboração, ato de aliado e de amigo. Ameaçar é uma ignomínia. Seria desprimoroso confundir-se ameaça com advertência. Prosseguiremos em nossa tarefa de advertir. Vou repetir-vos, agora, o que tantas vezes já tenho dito: não há maior perigo para o sistema democrático, fundado na liberdade humana, do que a estagnação, o atraso, a predeterminação de povos para missões no mundo: serem alguns desenvolvidos, prósperos, condutores, e estarem outros condenados à lentidão, à morosidade, à tristeza das retaguardas incaracterísticas. E que serão considerados nossos amigos os que compreenderem que aqui, para nós, arrumar a casa é aumentar o nosso potencial de riqueza, é fazer crescer a superfície de nosso poder econômico.

Queremos, meus amigos, caminhar, com todos os povos da América, animados pelo espírito da Operação Pan-Americana. Temos a certeza de que participaremos, unidos a tôdas as Nações desta parte do mundo, em uma marcha comum, conjunta, indivisível. Mas essa certeza não exclui a determinação de caminharmos mesmo isolados, se necessário fôr. 488

Peço-vos, mais uma vez, que nos concentremos a fim de têmos uma só aspiração, um só desejo. Confio em que todos vós, operários, homens da classe média, estudantes, cidadãos de todos os setores, me haveis de auxiliar e fortificar a democracia em nosso país e a revestir da gravidade necessária êste movimento irremovível que é a revolução do nosso desenvolvimento. 489